

Relatos de viagens, mapas e noticiário de Guerra: representações do Nordeste brasileiro no The New York Times antes das instalações militares norte-americanas (1940-1941)¹

João Gilberto Neves Saraiva²

Resumo: Este trabalho trata das representações do Nordeste brasileiro produzidas nas páginas do jornal *The New York Times* no recorte temporal imediatamente anterior ao ingresso oficial dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, nos últimos dias de 1941. Se apropria das discussões sobre representação e espaço para pensar nas formas como a região é apresentada nas páginas desse diário norte-americano. Analisa alguns dos suas notícias, reportagens e resenhas literárias evidenciando em textos e mapas as imagens de um Nordeste ligado a diversos temas, de oportunidades de negócios até ações subversivas do Eixo passando pelo turismo internacional. Também dá conta das aproximações e distanciamentos com espaços variados, incluindo Oeste norte-americano, o Nordeste freyriano, a Amazônia e o Sul dos imigrantes italianos e alemães. Também relaciona essas representações com as visões da América Latina que circulavam nos Estados Unidos, a conjuntura da guerra e as ações do governo norte-americano em torno da aproximação com o Brasil.

Palavras-chave: Nordeste, The New York Times, Segunda Guerra Mundial.

Abstract: This paper analyzes the representations of the Brazilian Northeast produced in the pages of *The New York Times* in the context immediately preceding the official entry of the United States in World War II, on the last days of 1941. It appropriates the discussions about representation and space to think about ways in which the region is represented on pages of such newspaper. Examines news, reports and book reviews, some texts and maps showing images of a Northeast linked to various topics including business opportunities, Axis subversive actions and international tourism. Also it construes similarities and differences between various spaces, including the West, the Northeast of Gilberto Freyre, the Amazon and the Brazilian South of Italian and German immigrants. In addition, relates these representations with the visions of Latin America that circulated in the United States, the situation of war and the actions of the US government approximation with Brazil.

Keywords: Northeast, The New York Times, World War II

¹ Artigo recebido em 10 de julho de 2014 e aprovado em 10 de agosto de 2014.

² Este trabalho é um esboço de parte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sob orientação do Prof. Dr. Henrique Alonso de A. R. Pereira. Ela trata das representações do Nordeste brasileiro nas páginas do *The New York Times* na era da Política da Boa Vizinhança (1933-1945) e conta com bolsa da CAPES. Atualmente o pesquisador inicia sua pesquisa de doutorado em História na Universidade Federal Fluminense.

Os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) consagraram o Nordeste brasileiro como um recorte espacial de suma importância para os Aliados no desenrolar do conflito global contra as forças do Eixo. A partir do acordo entre o Brasil e os Estados Unidos no final de 1941, se instalaram diversas bases navais e aéreas na costa nordestina que se projeta sobre o Oceano Atlântico – a mais conhecida delas é *Parnamirim Field*, instalada no Rio Grande do Norte³. Essas instalações militares em que trabalharam brasileiros e norte-americanos garantiram que os aviões estadunidenses realizassem uma ponte entre a América do Norte e as frentes de combate na África e na Europa. Há uma extensa historiografia que dá conta do amplo destaque que a região recebeu em documentos que circulavam diversas esferas das forças armadas e governo dos Estados Unidos - como também na imprensa - em relação a posição estratégica das bases militares e sobre o esforço de guerra bilateral que estaria se desenvolvendo nelas⁴. No entanto, ainda não há uma pesquisa historiográfica que dê conta das formas como o Nordeste do Brasil era visto nos Estados Unidos antes do seu ingresso nos planos dos estrategistas bélicos, esse trabalho busca ser um primeiro passo nesse sentido. Dentro das limitações de um artigo, optamos por deixar de lado os despachos consulares oficiais e nos focamos na imprensa, nosso objeto de investigação são as matérias do influente jornal norte-americano *The New York Times* (*NYT*). Inquerimos suas notícias, artigos e reportagens preocupados como através de uma diversidade de textos e imagens se representou um recorte espacial dentro do território brasileiro, o Nordeste, no momento anterior a entrada oficial dos Estados Unidos no conflito junto aos Aliados nos últimos dias de 1941⁵. Nesse contexto foram publicadas no *Times* diversificadas representações da região, de parada nas rotas aéreas do turismo internacional a lugar de oportunidades para o empresariado norte-americano.

Ao analisar as matérias publicadas pelo *NYT* nos aproximamos da perspectiva proposta por Edward Said para tratar do par Oriente-Occidente. Nesse sentido atentaremos para que:

³ Conforme destaca Moniz Bandeira (1978, p. 281), depois do ataque japonês as forças norte-americanas instaladas em Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941, Vargas autorizou o envio de militares e técnicos norte-americanos para bases brasileiras nas cidades de Natal, Recife e Belém.

⁴ Entre eles estão pesquisas como as de Frank McCann Jr. (1973), Clyde Smith Jr. (1993) e Sonny Davis (1996).

⁵ Os Estados Unidos entraram oficialmente no conflito com uma declaração de guerra ao Japão aprovada no congresso em 08 de dezembro de 1941. No dia anterior havia ocorrido o grande ataque japonês as forças navais norte-americanas instaladas em Pearl Harbor, no Havaí. Depois do ingresso oficial dos Estados Unidos no conflito começaram a circular na imprensa norte-americana notícias sobre as bases na costa nordeste brasileira que passaram a receber grande quantidade de militares estadunidenses.

Todo aquele que escreve sobre o Oriente deve localizar vis-à-vis ao Ocidente; traduzida no seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto – todos os quais somam para formar os modos deliberados de se dirigir ao leitor, de abranger o Oriente e, enfim, de representa-lo ou falar em seu nome. (SAID, 2007, p. 50)

Nos preocupamos com as narrativas sobre o espaço, a forma como ele é escrito, os temas e imagens utilizados nesse processo. São também relevantes os deslocamentos e posicionamentos daqueles que o escrevem porque é a partir desses lugares eles produzem recortes espaciais que atendem a demandas específicas. Nos aproximamos de Edward Said quando este investiga a geografia imaginativa do Oriente, mas enquanto ele percorreu a literatura e produção científica europeia, nós seguimos a trilha das páginas do *The New York Times* para inquirir as representações do Nordeste brasileiro. Nesses caminhos não tivemos como prioridade verificar se o *Times* refletia uma imagem mais ou menos fiel do Nordeste, nos importamos em pensar que Nordeste é esse fabricado pelos jornalistas, que temáticas e representações utilizadas e em que conjuntura isso se deu.

Ao analisar esses conjuntos de recorrências pensamos no que Stephen Greenblatt (1996, p. 22) chama de representações acumuladas, um conjunto de imagens dotadas de poder de reprodução que são aglomeradas em livros, arquivos, centros culturais, memórias, etc. e que são acessadas para formar novas representações. O crítico literário Stephen Greenblatt e o historiador Roger Chartier (1990, p. 26) se aproximam ao pensar alguns aspectos que consideramos essenciais para utilização dessas representações. O primeiro deles é que o representar é uma prática de apropriação muito distante da neutralidade, indivíduos e grupos articulam o seu capital mimético ou suas leituras – para ficar nos termos utilizados pelos dois respectivamente – para atender aos seus interesses específicos. Outro ponto é que os esses novos discursos não são espelhos das relações sociais nem apenas produtos delas. Para Greenblatt e Chartier as representações são práticas que constroem as relações entre os indivíduos, são formas de relacionar um conhecimento prévio e se posicionar no mundo, através delas é possível investigar as hierarquias, tensões, aproximações e distanciamentos que compõem as relações sociais.

O *Times* é um jornal diário publicado desde 1851 que ao longo do século XX consolidou uma das maiores redes de cobertura da imprensa mundial. Ao tratar de um dos maiores e mais influentes jornais dos Estados Unidos, é relevante lembrar o alerta de

Noam Chomsky e Edward Herman (2002, p. XI) de que os grandes veículos de imprensa estadunidenses se vinculam com poderosos grupos econômicos e políticos. Ao longo do século XX, o *The New York Times* ao tratar de temas da economia e política geralmente apoiou agendas liberais e o Partido Democrata. Entretanto, o mesmo jornal já declinou candidatos democratas e preferiu republicanos, por exemplo, na eleição presidencial de 1956, quando apoiou o candidato republicano Dwight D. Eisenhower. O *NYT* se auto define politicamente como um jornal liberal⁶, no entanto mais pertinente do que pensar nesses rótulos políticos, nos aconselha Heloisa Cruz e Maria Peixoto (2007, p. 264), é avaliar historicamente os posicionamentos e articulações para perceber projetos e alinhamentos diversos em cada conjuntura.

Uma série de tensões e conflitos atravessavam o plano internacional desde a década de 1930. Em sua história da Europa no século XX, Mark Mazower (2001, p. 77) nos apresenta um interessante quadro de transformações no recorte temporal até o começo dos anos 1940. Ele inicia na quebra da bolsa de valores Nova York de 1929, o chamado *crack* lançou os mercados mundiais que já estavam em dificuldade no fundo do poço. Acompanhando essa conjuntura de decréscimo econômico, houve uma série conflitos e mudanças políticas. Em 1931 ocorreu a invasão japonesa da Manchúria e no outro ano se iniciou em Genebra a Conferência do Desarmamento da Liga das Nações que fracassou. O historiador britânico avaliou a ascensão ao poder da extrema direita alemã com a eleição de Adolf Hitler em 1933 como um marco para a mudança na balança de poder europeia. Ao longo da década ela deixou de pender para a França e a Inglaterra, a Alemanha passou a ser o centro econômico, militar e político da Europa. Se iniciou em 1935 a Crise da Abissínia que resultou na invasão do território etíope por tropas da Itália chefiada por Mussolini, no ano seguinte a Guerra Civil Espanhola que possibilitou a instauração de um regime ditatorial de influência fascista. No ano de 1936 a Alemanha nazista e o Japão imperial assinaram um acordo contra a União Soviética, o chamado Pacto Anti-Comintern. A Itália aderiu ao tratado pouco depois, estava formada a base das forças do Eixo que atuou na Segunda Guerra Mundial. A expansão territorial desses países continuou nos anos finais da década, as forças japonesas invadiram novos territórios da China continental dando origem à Guerra Sino-Japonesa em 1937. Nos idos de 1938, a Alemanha hitlerista invadiu a Áustria e a Checoslováquia. Quando em setembro de 1939 o exército alemão adentrou as

6 Em 2004 o editor do NYT Daniel Okrent escreveu um editorial sobre os posicionamentos políticos do jornal. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2004/07/25/opinion/the-public-editor-is-the-new-york-times-a-liberal-newspaper.html>> Acesso em: 14 fev. 2014.

fronteiras da Polônia – aliada da França e da Inglaterra – propiciando as declarações que iniciaram formalmente a Segunda Guerra, boa parte do mundo já estava envolto em um clima belicoso.

Nesse cenário global de ebulição de conflitos dos anos 1930, os governos do continente americano promoveram iniciativas em torno de uma agenda política comum, entre elas se destaca as Conferências Pan-Americanas promovidas pelos Estados Unidos. Se tratavam de reuniões periódicas com representantes de todos os países americanos em torno de temas relevantes para o continente que começaram a ocorrer ainda na década de 1880⁷. Gerson Moura (2012, p. 45) aponta que os encontros da segunda metade da década de 1930 se dedicaram especialmente a questões relativas a defesa militar. O presidente dos Estados Unidos – Franklin Roosevelt – esteve presente na conferência realizada em Buenos Aires em 1936. Nela se definiu que um ataque a qualquer nação do continente, seria considerada uma ameaça a todas as nações americanas. Dois anos depois, na Conferência de Lima, foi acordado um sistema de consultas e um pacto continental de segurança. Já em setembro de 1939 – logo após o início da guerra – foi realizada uma reunião de ministros das relações exteriores do continente no Panamá. Nesse encontro ficou decidido a neutralidade do continente na guerra e o princípio de neutralidade das águas territoriais americanas. Isso significava que não poderiam haver combates numa faixa de 300 milhas náuticas – cerca de 556 quilômetros – da costa. Além de definir um distanciamento legal para os combates no Oceano Atlântico, ainda segundo Moura (2012, p. 46), essa medida era uma forma de ajudar a Inglaterra colocando possessões britânicas no continente oficialmente fora do alcance da marinha alemã.

A manchete da edição de 02 de março de 1940 – NAVIO REPORTA ATAQUE DE SUBMARINO NA ZONA DOS EUA⁸ – informou aos leitores do *The New York Times* que os acordos da Conferência do Panamá falharam em manter a guerra distante das águas continentais. Abaixo das letras garrafais do título, a matéria apresentou uma série eventos beligerantes dentro da faixa neutra estabelecida ao redor do continente americano no ano anterior, e na sua continuação - três páginas depois - um mapa (Figura 1). Nele temos uma parte do continente, da Costa Leste norte-americana até a metade do território argentino, onde estão destacadas algumas cidades – Nova York, Rio de Janeiro,

⁷ A historiografia sublinha essas conferências iniciadas ainda no século XIX como uma tentativa dos Estados Unidos em dispersar a influência europeia – notadamente a da Inglaterra – e ampliar a norte-americana sobre a América Latina. Elas deram origem a Organização dos Estados Americanos, criada em 1948. Para um aprofundamento ver Luís Claudio Santos (2004).

⁸ Todos os trechos do jornal citado foram traduzidos pelo autor. Segue em nota de rodapé a versão original em inglês de cada uma delas. “SHIP REPORTS U-BOAT ATTACK IN U.S. ZONE”

Montevideo, Buenos Aires e Rio Grande do Sul⁹ – e pontos no Oceano Atlântico. Se trata um planisfério, uma representação gráfica em uma malha de meridianos e paralelos numerados a partir da Linha do Equador e do Meridiano de Greenwich. Conforme o manual de navegação de Pires Mingues (2000, p. 22), essa é uma carta náutica produzida a partir da projeção de Mercator que é utilizada comumente por sua facilidade de georreferenciar pontos no globo terrestre. Esse é o objetivo do mapa, identificar a zona de neutralidade estabelecida na conferência meses antes e localizar os incidentes que teriam violado seus limites.



Figura 1. Mapa dos incidentes dentro da zona de neutralidade (NYT, 02 mar. 2014, p. 4).¹⁰

A sua legenda informa que os círculos com números demarcam onde haveriam ocorrido os quatro eventos de descumprido da neutralidade das águas americanas apresentados na matéria. No primeiro ponto a fragata inglesa Southgate havia sido atacada por submarinos alemães, a manchete faz referência a esse incidente. O número 2 corresponde ao local no qual o navio Troja, de bandeira alemã, havia sido afundado por um

⁹ Uma possível confusão entre o nome do estado e sua capital, Porto Alegre.

¹⁰ Mapa reproduzido na escala original da página do jornal.

cruzador inglês. O terceiro círculo marca onde um navio de guerra e dois submarinos alemães foram avistados na costa sul do Brasil, já o número 4 localiza uma frota aliada avistada na costa uruguaia. O texto e o mapa se complementam na apresentação de dois focos de atividades beligerantes dentro da zona de neutralidade continental, um nas ilhas da América Central e outro no sul da costa sul-americana. A matéria delinea assim espaços no Oceano Atlântico em que a neutralidade do continente americano afirmada na conferência do ano anterior estaria ameaçada. Ela estabelece uma cartografia da aproximação do conflito das Américas e da comunhão do continente contra isso centrada nos Estados Unidos, no mapa o nome do país recebe o mesmo destaque que a América do Sul. Assim como, Nova York, onde se localiza sede do jornal e maior centro comercial norte-americano, tem seu nome em negrito e maior que as demais. O Nordeste do Brasil não estava incluído – por enquanto – nesse teatro de guerra como um foco de ações militares, a única parte do território brasileiro inserida nele estava no sul, já próximo à fronteira do Uruguai. O que não significa afirmar que o Nordeste brasileiro fosse apresentado nas matérias do *The New York Times* no início dos anos 1940 completamente ausente do cenário belicoso que se estaria desenhando na América do Sul.

Dois meses após a matéria sobre as violações da zona neutra das águas continentais, o diário publicou uma reportagem enviada do seu escritório no Brasil sobre um encontro de diplomatas japoneses da América do Sul que estava para ocorrer em poucos dias. O texto chama a atenção para a cidade escolhida para sediar a reunião - o Rio de Janeiro - uma vez que ela acarretaria despesas para locomoção do corpo diplomático espalhado pelo continente maiores do que se ele fosse realizado em Santiago ou Buenos Aires. O correspondente do jornal no país – Frank Garcia – apresenta uma motivação estratégica na opção pela capital brasileira, o governo japonês aproveitaria o encontro para apresentar uma proposta de acordo comercial bilateral baseado em câmbio de montantes iguais¹¹. Garcia sublinhou a importância do Japão para o Brasil, ele era o principal comprador de algodão, um produto muito importante para a economia do país¹². A matéria coloca também outros dois países no páreo por negociações bilaterais com o governo

¹¹ Nesse tipo de pacto os países se comprometem a negociar produtos entre si de forma a manter uma balança comercial estável, o que significa valores aproximados entre o que cada um vende e compra do outro. No caso, seria um acordo lucrativo para o Japão, já que naquela conjuntura ele comprava muito mais do que vendia ao Brasil.

¹² Segundo a Câmara de Comércio e Indústria Japonesa no Brasil, na segunda metade dos anos 1930 houve uma grande expansão da produção de algodão no Brasil, nessa época as negociações desse produto com os japoneses atingiram seu ápice. Elas culminaram na criação da Associação Comercial Japonesa no país em 1940, ela foi fechada já no ano seguinte depois do ataque japonês a Pearl Harbor. Informações disponíveis em < <http://pt.camaradojapao.org.br/camara/entidade/>> Acesso em: 19 nov. 2014.

brasileiro, a França e a Inglaterra. Apesar de se deter exclusivamente em informações econômicas, a reportagem tangencia questões sobre a guerra. Além de se referir a franceses e ingleses como Aliados, o correspondente destaca que a abertura do Brasil a novos pactos econômicos era motivada pelos desdobramentos do cenário internacional. Os conflitos em curso teriam produzido bloqueios ao comércio em diversas regiões do globo que estariam restringindo os lucros brasileiros no mercado mundial. Ele conclui que o Japão possuía uma carta na manga na costa brasileira para conseguir fechar o negócio, nas palavras dele:

Que o Japão acredita que será bem sucedido em sua oferta comercial é perceptível por sua última jogada, a perspectiva de inauguração de um serviço de navio a vapor em todo o nordeste brasileiro, é a primeira vez que isso é tentado por qualquer nação estrangeira. (NYT, 04 mai. 1940, p. 30)¹³

A possível criação de serviço de navios ligando a região é apresentada como um trunfo nas mãos dos japoneses para obter sucesso na conclusão do seu acordo com o Brasil. O Nordeste brasileiro não foi apresentado no diário na qualidade de um espaço de conflitos entre potências externas ao continente – como as ilhas do Caribe e a divisa entre o Brasil e o Uruguai na matéria anterior – e sim enquanto uma peça no tabuleiro de xadrez das negociações internacionais do governo brasileiro. Ao dar relevo o oportunismo da proposta japonesa, o texto delinea o *northeast*, como um lugar oportuno para investimentos que garantissem um pacto para vultosas transações comerciais com o Brasil. Ele apresenta o projeto japonês de ligar o Nordeste com os navios como uma iniciativa ousada e de forte apelo com o governo brasileiro, apesar disso o acordo bilateral e a instalação dos vapores não chegaram a ser concretizados. Conforme a análise de Gerson Moura (2012, p. 17), a partir do início da guerra - e especialmente depois do ataque japonês a Pearl Harbor e a entrada dos Estados Unidos no conflito em 1941 - não havia condições políticas para o governo chefiado por Vargas firmar acordos com as potências do Eixo.

Se nas páginas do *Times* o Japão tinha planos para oferecer ao Brasil a integração da região pelo mar, os Estados Unidos já haviam concretizado essa conexão pelo ar, é o que informava a extensa matéria de julho de 1940 assinada por Frederick Graham. Atuando como editor e colunista do *NYT* especializado em aviação, ele

¹³ “Japan believes she will be successful in her trade offer is seen by her latest move, the prospective inauguration of steamship service to the entire Brazilian northeast, the first time it has been attempted by any foreign nation”.

costumava escrever na seção 10 das recheadas edições dominicais do diário, um caderno específico sobre viagens¹⁴. Na capa da seção estava o texto de Graham que iniciava da seguinte forma:

Uma vez, toda semana, um enorme *strato-clipper* quadrimotor da *Pan American Airways* levanta voo graciosamente para fora do aeroporto municipal de Miami, aponta seu grosso nariz para a costa norte da América do Sul e sobe de forma constante até que se estabiliza convenientemente a meio caminho entre o Caribe azul e o céu igualmente azul (NYT, 28 jul. 1940, p. 1)¹⁵



¹⁴ O jornal até hoje é organizado em seções numeradas que correspondem a cadernos temáticos. O sobre viagens, chamado *Travel*, continua sendo publicado nas suas edições de domingo, só que ele não mais se localiza na seção 10 e sim na de número 5.

¹⁵ “Once every week a huge four-engined strato-clipper of Pan American Airways lifts gracefully off the runway of Miami municipal airport points its stubby nose toward the northern coast of South America and climbs steadily until it levels off, seemingly midway between the blue Caribbean and the equally blue sky”.

Figura 2. A excursão pela América do Sul e demais voos da Pan American Airways (NYT, 28 jul. 1940, p. 4)¹⁶

A matéria era um misto de relato de viagem e propaganda, nos moldes dos que encontramos hoje nas revistas distribuídas por empresas aéreas. No caso o jornalista tratava tanto dos novos quadrimotores da *Pan American Airways*, quanto da sua nova linha aérea que saindo de Miami se integrava em rotas que permeavam a América Central e do Sul. O mote do texto era uma excursão pelo continente sul-americano realizada em quatorze dias através dos voos de primeira classe da empresa norte-americana. Entre os destinos da viagem estavam grandes capitais - Buenos Aires, Quito, Lima, Santiago e Rio de Janeiro – e também cidades menores como Guayaquil, Recife e Belém. Frederick Graham apresenta todo o trajeto e suas paradas, as paisagens e pontos turísticos para serem vistos, com destaque para Santiago e Rio de Janeiro. Elas possuem uma figura ilustrativa e um tópico específico sobre cada uma, no sobre a capital fluminense, por exemplo, ele aconselha a visita ao Pão de Açúcar, o Cristo Redentor e a Baía de Guanabara que são representados também na imagem.

Há também uma imagem (Figura 2), se trata de um quadrimotor sobre um globo terrestre no qual se expõe um mapa das Américas, da Patagônia aos Estados Unidos. Nesse produto cartográfico, as rotas disponíveis pela empresa estão em pontilhado e as conexões de voo do tour pelo América do Sul marcadas por linhas. Entre elas estão os que ligam o Rio de Janeiro a Belém passando por Salvador, Recife e Natal, totalizando cinco paradas em território brasileiro. A imagem apresenta uma visão da América diversa da carta náutica publicada quatro meses antes. Uma diferença primordial entre elas é que essa pensa o continente numa perspectiva comercial enquanto a outra um viés político e bélico. Naquele mapa os limites da zona de neutralidade demarcam um continente unido contra a guerra, nesse as rotas aéreas delineiam uma América conectada, o quadrimotor é símbolo da integração continental pelos ares. A cartografia dos eventos beligerantes apresenta uma aproximação política entre Estados – ele separa os territórios e apresenta algumas capitais sul-americanas - já na dos voos comerciais há espaço para uma variedade de cidades espalhadas na América Latina. O texto de Graham apresenta parte delas, ao tratar da diversidade de paisagens para quem estivesse disposto a realizar a excursão pela América do Sul nos quadrimotores da empresa aérea. Para além das capitais, ele se dedica a apresentar outras porções do território sul-americano. Uma delas é o que ele chama de

¹⁶ A imagem pertence ao acervo do *NYT* e a extinta *Pan American Airways*, não foi possível identificar seu autor. Foi reproduzido em escala de 1/3 em relação a página do jornal respeitando as proporções originais.

“corcunda” da costa brasileira na qual se chega a partir do voo saindo do Rio de Janeiro. Segundo o jornalista:

Ferventes selvas verdes, rios lamacentos desaguando no oceano e pequenas aldeias marcam a rota para Recife, ou Pernambuco, na "corcunda" saindo em direção a África. O avião chega à tarde para uma pernoite e há um tempo considerável para ver a cidade velha e suas muitas igrejas. Na manhã seguinte, o voo continua em torno da protuberância para Belém. Belém, na imponente Amazônia, é uma cidade que alcançou sua maior glória quando foi o ponto de embarque para a maior parte da borracha do mundo. (NYT, 28 jul. 1940, p. 4)¹⁷

O colunista do *Times* sobre a viagem em direção a Pernambuco como se estivesse observando a paisagem a partir da janela do avião, a partir desse ponto de vista ele sublinha a natureza. O verde da selva, a lama dos rios que se encontram com o mar e as aldeias formam um cenário onde a presença humana é apenas um detalhe. Esse tipo de representação da costa nordeste do Brasil não é uma exclusividade do editor de aviação do *The New York Times*. Investigando a revista *Seleções do Reader's Digest* no mesmo recorte temporal do início dos anos 1940, Mary Anne Junqueira (2000, p. 130) identificou representações da Amazônia e do Nordeste brasileiro como um território selvagem e vazio, habitado apenas por uma pequena população esparsa. A historiadora também apontou as referências as florestas tropicais como algumas das mais constantes na publicação analisada para se tratar da América do Sul e dotadas de intensa carga simbólica. Ao evocar a aldeia, a selva verde e o laço entre as águas de mar e de rio no caminho para Recife, a reportagem de Frederick Graham posicionou a região enquanto um espaço exótico para o turista americano conhecer.

Esse tipo de representação aciona estereótipos que são recorrentes para se pensar a relação entre norte e latino-americanos. A pesquisa de Frederick Pike (1992, p. XIII) expôs que um dos mitos perpetuados pelos norte-americanos para delinear e ao mesmo se opor a América Latina é o de que esta seria o espaço dominado pela natureza, enquanto os Estados Unidos o da civilização. Nesse sentido, muitas vezes a América dos estadunidenses se auto representa como lugar do progresso, enquanto a “outra América”

¹⁷ “Steaming green jungles, muddy rivers emptying into the ocean and tiny villages mark the route to Recife, or Pernambuco, on the "hump" sticking out toward Africa. The plane arrives in the afternoon for an overnight stop and there is considerable time to see the old city and its many churches. Early the next morning the flight continues around the hump and toward Belem. Belem, on the mighty Amazon, is a city that reached its greatest glory when it was the shipping point for most of the world's rubber”.

cabe o papel de espaço atrasado e dominado da natureza¹⁸. Se pensarmos a matéria no *Times* enquanto uma propaganda de uma viagem turística, faz todo sentido apresentar a “corcunda” do território brasileiro em direção a África pela natureza exótica, que chama a atenção daqueles que estão acostumados a civilização das grandes cidades como Nova York. O jornalista vai no mesmo sentido ao descrever Belém, a posiciona dentro da imponente Amazônia e também sublinha sua decadência. O editor do caderno de viagens estabeleceu uma geografia do país em que se destacam três porções distintas: o Rio de Janeiro e seu entorno; a Amazônia; e o recorte espacial entre Salvador, Recife e Natal que Frederick Graham chama de corcunda em direção a África.

Depois de estabelecer todas as paisagens e paradas da excursão de duas semanas pela América do Sul, a reportagem informou quanto o turista interessado em realiza-la teria que desembolsar, mil e duzentos dólares. Essa cifra ia muito além do que pessoas comuns podiam despendar em 1940, quando o salário mínimo nos Estados Unidos estava na casa dos trinta centavos pela hora de trabalho¹⁹. Pedro Tota (2014, p. 70) nos informa que esses voos da *Pan America Airways* saindo da Flórida eram frequentados por figuras como os multimilionários da família Rockefeller - ases do mercado mundial de petróleo - quando vinham realizar visitas aos seus empreendimentos no continente sul-americano. Havia também alternativas muito mais econômicas para quem quisesse conhecer um pouco mundo abaixo da fronteira do Texas, como ler matérias em jornais e revistas ou escutar notícias e programas musicais no rádio. Uma extensa variedade de imagens, sons e palavras sobre a América Latina eram vinculados nos Estados Unidos nos idos de 1940.

A profusão de visões do continente latino-americano que circularam pelo país tem a ver com as movimentações no cenário político dos Estados Unidos da virada para os anos 1940. Além da mobilização da política externa em torno de uma agenda comum para toda a América, o governo chefiado pelo presidente democrata Franklin D. Roosevelt realizou outras iniciativas de aproximação com os países do continente. Maria Ligia Prado (1995, p. 58) nos esclarece, por exemplo, que seu governo mantinha laços estreitos com a

¹⁸ O pesquisador norte-americano ressaltou que não obrigatoriamente essa oposição entre civilização e natureza significou uma visão negativa dos latino-americanos. Pike (1992, p. XIV) deu relevo há atuação de intelectuais, artistas e ativistas norte-americanos que entre as décadas de 1950 e 1970 posicionavam a América Latina como um lugar privilegiado do globo onde as pessoas haviam conseguido viver de forma harmônica e intensa com a natureza, um exemplo de modernidade alternativa para os Estados Unidos.

¹⁹ Segundo os dados fornecidos pelo Departamento do Trabalho norte-americano, mil e duzentos dólares era a quantia que alguém que recebesse o salário mínimo obtida ao longo de cerca de dois anos de trabalho. Até hoje o salário mínimo no país é calculado por hora de trabalho, desde julho de 2009 ele é de 7,25 dólares. Disponível em < <http://www.dol.gov/whd/minwage/chart.htm> > Acesso em: 17 nov. 2014.

Pan American Airways, e autorizou subsídios para a empresa estabelecer esses novos voos que conectavam os Estados Unidos a América Central e do Sul. Uma outra ação governamental relevante foi a criação do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics* em agosto de 1940²⁰. Se tratava de uma agência federal encarregada – como o próprio nome diz – do incentivo as relações comerciais e culturais do continente. Da sua fundação até seu fim em 1946, a agência esteve sob a batuta de um dos passageiros ilustres dos quadrimotores em direção a América do Sul, o empresário Nelson Rockefeller. Ao órgão chefiado pelo herdeiro do império da *Standard Oil* e conselheiro do Museu de Arte de Moderna de Nova York cabia no mesmo passo afastar a influência alemã do continente e estreitar laços com os países vizinhos, potenciais aliados dos Estados Unidos. Conforme a pesquisa de Antônio Pedro Tota (2000, p. 93), estava incumbido no plano da política cultural desse esforço de guerra uma ação em dois sentidos em relação à América Latina. Por um lado convencer os latino-americanos que os Estados Unidos eram seus parceiros históricos, por outro tonar a América Latina conhecida para o público norte-americano difundindo uma imagem positiva dela. Para realização de sua estratégia, foram mobilizados profissionais e empresas dos mais diversos meios, como da música, da literatura, do rádio, do cinema, das artes plásticas, entre outros.

A imprensa escrita não estava fora desse esforço de guerra, explicita Rodrigo Zagni (2011, p. 292) ao comentar a organização interna da agência. Entre os seus diversos setores estava a Divisão de Imprensa e Publicações que se encarregava da atuação integrada do OCIAA com jornais e revistas dentro e fora dos Estados Unidos. Além do intercâmbio de notícias consideradas favoráveis a causa norte-americana, a agência comandada por Rockefeller também promoveu intercâmbio entre jornalistas e periódicos dos dois lados do Rio Grande. A divisão possuía duas sedes – uma em Washington e outra Nova York – e era uma das maiores do *Office*, cerca de duzentos funcionários. Os seus elos com a grande imprensa eram estreitos, ela foi chefiada por nomes de peso no jornalismo norte-americano, primeiro John M. Clark e depois Francis A. Jamieson, respectivamente ligados ao *The Washington Post* e a *Associated Press*. Entre os países que receberam maior atenção dos burocratas do *Office* e os veículos de imprensa estadunidenses estava o Brasil, país considerado um aliado estratégico para o governo norte-americano por sua importância política, econômica e posição geográfica. Tratando das relações bilaterais em

²⁰ Escritório de Coordenação de Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas Americanas. Optamos pelo nome original em inglês por ele ser a opção mais comum mesmo na historiografia brasileira. Em 1941 sua atuação foi ampliada e a agência recebeu um novo nome, *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, em português, Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos.

1940, Frank McCann Jr. (1973, p. 128) grifou editoriais do *Times* favoráveis a Vargas e a aproximação entre os países. Já Pedro Tota (2000, p. 108) destacou o investimento por parte do governo brasileiro para que fossem vinculadas imagens positivas do Brasil que incluíam o patrocínio de programas de rádio e propagandas em jornal impreso, entre eles o *NYT*.

O Brasil passou também a ser recorrente nas páginas dos cadernos culturais do *The New York Times* no início da década 1940. O diário deu ampla cobertura, por exemplo, para o festival de música brasileira promovido pelo Museu de Arte Moderna de Nova York. Se tratou de um grande evento que ocorreu entre 16 e 20 de outubro de 1940 e foi transmitido por rádio tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. O país recebeu atenção também da seção de livros que fazia parte das edições dominicais do *Times*. Nela foram publicadas as avaliações de diversos relatos de viagem e ensaios sobre o Brasil, uma alternativa para conhecer o país bem mais econômica que os voos da *Pan America Airways*. Por três dólares o leitor poderia adquirir *Seven Keys to Brazil* – em português, Sete chaves para o Brasil - um livro da norte-americana Vera Kelsey que morou três anos no país. Segundo a resenha não assinada, se tratava de um livro de 314 páginas impresso com letras muito pequenas e em papel de baixa qualidade como outros livros sobre a América do Sul, mas que chamava atenção pelo conteúdo. Na avaliação do diário, “o texto da senhorita Kelsey tem excelente frescor, acuidade e amplitude de visão; seu livro é tanto bem embalado quanto cheio de sabor” (*NYT*, 12 jan. 1941, p. 3)²¹. Para além de um simples relato de viagem, o livro seria também uma interpretação que consideraria o país uma união de três raças - branca, negra e indígena - mais a religião católica. O resenhista explica que as sete chaves da escritora norte-americana correspondem a regiões variadas, diversos “Brasis” que formariam o mosaico geográfico que era o país.

O velho Nordeste colonial é a primeira delas, o açúcar foi plantado nos anos 1530 em uma ilha da costa, e em breve os senhores feudais estavam fundando um império sobre a cultura da cana-de-açúcar. Senhorita Kelsey é sábia em começar com este registro fascinante e sugestivo e não com uma visita ao Rio de Janeiro. (*NYT*, 12 jan. 1941, p. 3)²²

²¹ “Miss Kelsey's text has outstanding freshness, acuteness and breadth of view; her book is both full-packed and full-flavored”.

²² “The old colonial Northeast is the first of these: sugar was planted in the Fifties Thirties on an island off that coast, and soon feudal lords were founding an empire on the culture of sugar cane. Miss Kelsey is wise to begin with this fascinating and suggestive record rather than with a visit to Rio de Janeiro”.

Uma das chaves do livro de Vera Kelsey era o Nordeste colonial, não há qualquer referência a Gilberto Freyre na resenha do *Times*, mas a influência do trabalho do sociólogo brasileiro nas representações da região é notável²³. As referências ao caráter definidor da mistura das raças e o peso do catolicismo e também aos senhores de engenho como senhores feudais se aproximam do capítulo sobre a colonização do Brasil de *Casa-grande & Senzala* (1933)²⁴. Esse Nordeste adaptado de Freyre é também exótico como a corcunda da costa brasileira em direção a África, mas não é pautado nas imagens da natureza que comumente permeiam as representações da América do Sul. O seu registro é fascinante e sugestivo, *Seven Keys to Brazil* faz circular por Nova York um Nordeste de “n” maiúsculo formulado no Brasil, o dos senhores feudais e do império da cana-de-açúcar. A resenha apresenta aos leitores uma região histórica, que dataria das primeiras décadas do século XVI, quando o país ainda era colônia de Portugal.

Depois de tratar da Nordeste, o resenhista vai para as outras chaves do Brasil propostas no livro. A segunda seria uma das maiores capitais do continente, o Rio de Janeiro, as fazendas de café em São Paulo corresponderiam a terceira chave, já a quarta seria Minas Gerais e sua rica história. Depois uma surpresa, um topônimo se repete no mosaico geográfico da escritora norte-americana: “a quinta-chave é o ‘outro Nordeste’, que a autora resume como ‘uma região turbulenta e pouco conhecida, o equivalente do ‘sem lei e incivilizado’ Oeste da América do Norte” (*NYT*, 12 jan. 1941, p. 3)²⁵. Para explicar o que é o “*other Northeast*”, o resenhista citou a comparação de Vera Kelsey com o Oeste norte-americano. A estratégia é definir o recorte espacial dentro território brasileiro por meio de elos com uma geografia imaginativa dos Estados Unidos, aproxima-lo de um elemento que os leitores conheçam. O Oeste citado não é simplesmente uma porção de terra identificada pelos pontos cardeais, a expressão “wild and woolly” é utilizada desde a metade do século XIX nos Estados Unidos para se referir a pessoas e lugares considerados incivilizados²⁶.

²³ Já no livro de Vera Kelsey sim, nas páginas disponíveis na internet encontramos diversas referências ao sociólogo brasileiro, bem como *Casa Grande & Senzala* e *Nordeste* (1933) na bibliografia dele. Trechos de *Seven Keys to Brazil* disponíveis em <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=QZ4jAAAAMAAJ&focus=searchwithinvolume&q=Freyre>> Acesso em 17 nov. 2014.

²⁴ Nos referimos ao capítulo “Características gerais da colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida” do livro mais conhecido de Freyre. Na edição da obra que pesquisamos, de 2003, ele inicia na página 64 e termina na 155.

²⁵ “The fifth key is that ‘other Northeast’ which the author sums up as a turbulent and little-known region, the equivalent of North America’s ‘wild and woolly’ West”.

²⁶ Informações obtidas em um dicionário de significados de expressões em língua inglesa. Disponível em <<http://www.phrases.org.uk/meanings/411900.html>> Acesso em 25 nov. 2014.

A pesquisadora Lúcia Lippi Oliveira (2000, p. 131) retomou as discussões do historiador norte-americano Frederick Jackson Turner²⁷ para pensar a conquista da fronteira do Oeste como um elemento essencial da identidade que permeia o imaginário político norte-americano. A tese de Turner aposta na experiência da expansão da fronteira, da chegada dos pioneiros ao Novo Mundo a conquista do território até o Oceano Pacífico, como um elemento definidor da excepcionalidade americana. Ainda segundo Oliveira, a fronteira seria o lugar para a realização das virtudes americanas: a democracia, o individualismo e autogoverno, bem como a vontade de Deus. Mesmo que não existisse desse o final do século XIX enquanto fato físico, ela permaneceria como um fato simbólico associado a um mundo de aventura, coragem, revitalização e gênio inventivo norte-americano. Levando em conta esses aspectos, o outro Nordeste não seria apenas uma região incivilizada, pouco conhecida e turbulenta, mas ao mesmo tempo um recorte espacial a ser conquistado, um lugar de oportunidades como o Oeste norte-americano.

A referência ao “outro Nordeste” também aciona uma geografia imaginativa da região produzida no Brasil que foi apenas tangenciada na avaliação do *The New York Times*. Na bibliografia do livro de Vera Kelsey estão dois livros que propõem uma visão do Nordeste dividido em dois recortes distintos, são eles: *Nordeste* (1937) de Gilberto Freyre e *O outro Nordeste* (1937) de Djacir Menezes. A obra de Freyre trata de um Nordeste marcado pelas árvores frondosas, plantações de cana-de-açúcar, engenhos, etc. Já o outro Nordeste, o da paisagem dura, dos sertões secos, do cangaço e da superstição – entre outros elementos – é o objeto de estudo de Djacir Menezes²⁸. O livro de Vera Kelsey adere a estas representações de um Nordeste bipartido, a partir delas trata de dois *Northeast* em separado, um como a primeira e outro como a quinta chave para se conhecer o Brasil. Por sua vez, o resenhista do *Times* optou por apresentar o Nordeste da primeira chave da forma como Vera Kelsey o apropriou de Freyre, já em relação ao “*other Northeast*” a estratégia foi outra. Sobre esse “outro Nordeste” a resenha se limitou a recuperar a conexão com o Oeste americano do século XIX, mais próxima do seu leitor do que as visões da terra seca presente em *Seven Keys to Brazil*.

A resenha termina com as duas últimas peças que completariam o quebra-cabeça do Brasil de Vera Kelsey, a regiões Norte e Sul do Brasil. A descrição da primeira

²⁷ Seu texto “O Significado da Fronteira na História Americana” apresentado na reunião da *American Historical Association* de 1893 é considerado um dos mais influentes ensaios da historiografia americana.

²⁸ Para um aprofundamento na forma como a região do Nordeste foi gestada no Brasil como uma unidade criada a partir de uma multiplicidade de falas, práticas e histórias desde final do século XIX, ver Durval M. Albuquerque Junior (2009)

delas – a sexta chave – se aproxima do relato de viagem de Frederick Graham, sublinha que a Amazônia domina o recorte espacial. Já sobre a região Sul, o resenhista considera que:

Talvez este seja um lugar tão bom quanto qualquer outro para apontar para breves observações, mas suficientemente fortes da senhorita Kelsey sobre a presença de uma "Quinta Coluna" no Brasil. Quando ela chega à sua sétima chave, ela também escreve sobre as colônias alemãs, bem como a grande população italiana, no Sul do Brasil. (*NYT*, 12 jan. 1941, p. 3)²⁹

A partir do relato de viagem da escritora estadunidense, o jornal estabelece a região Sul do país como uma ameaça. No cenário de conflito bélico no globo, a forte presença alemã e italiana no Sul é encarada como uma possível força oculta inimiga dentro do território brasileiro. No livro de Vera Kelsey a referência a uma possível “Quinta Coluna” no Sul é apenas uma pequena passagem dentro capítulo sobre as características culturais e atrações turísticas da região, já no comentário da obra publicado no *Times* é o aspecto central sobre ela. Podemos relacionar o enfoque nesse ponto com a movimentação da imprensa em torno da guerra. Como vimos, apesar de oficialmente os Estados Unidos assumirem uma posição de neutralidade, os grandes jornais e o governo já estavam em pleno vapor na mobilização em torno da guerra pelo menos desde a metade do ano anterior. Seis meses antes o Sul do país foi posicionado pelo diário nova-iorquino em uma cartografia da aproximação do conflito por conta das movimentações da marinha alemã, agora ele é também o lugar de uma “Quinta Coluna” alemã e italiana. A ameaça está então centrada na região Sul, está distante do Nordeste da cana-de-açúcar e do “outro” Nordeste parecido com o Oeste dos Estados Unidos.

Três meses após o texto sobre *Seven Keys to Brazil*, o *The New York Times* publicou em sua seção de livros sobre um novo relato de viagem ao país escrito pelo empresário e propagandista norte-americano Jack Harding. O início da avaliação de *I Like Brazil* dá as credenciais do seu autor, ele era marido de Bertita Harding, uma escritora de sucesso que havia vivido muitos anos no México e que dois anos antes teve um dos seus livros transformados em filme³⁰. A senhora Harding era figura recorrente nesse caderno do

²⁹ “Perhaps this is as good a place as any to point to Miss Kelsey's brief but sufficiently forceful remarks on the presence of a ‘Fifth Column’ in Brazil. When she comes to her seventh key, too, she writes of the German colonies, and also the large Italian population, in South Brazil”.

³⁰ Em 1939 foi lançado *Juarez* pelo estúdio *Warner Bros* baseado na biografia do imperador do México, Maximiliano, e sua esposa Carlota escrita por Harding. Sobre a vida e obra da escritora ver a cronologia da

Times, talvez isso tenha garantido um bom espaço para seu marido³¹. O livro de Jack custava os mesmos três dólares e tinha praticamente o mesmo número de páginas que o de Vera Kelsey, só que recebeu uma coluna a mais e uma imagem retirada do relato de viagem, uma família de antes a frente de uma folhagem.

A resenha esclarece o leitor que *I Like Brazil* parte do ponto de vista de um turista interessado em contatos em relações comerciais e amizades nos círculos da política e alta sociedade. Entre os locais visitados estavam os rios da Amazônia – de onde possivelmente deve ter saído a ilustração das antas –, a capital Rio de Janeiro, o setor aurífero de Minas Gerais, as fazendas de café de São Paulo e a costa nordeste, “a região ‘do produto brasileiro em veloz crescimento, o algodão’” (*NYT*, 20 abr. 1941, p. 01). Por meio da cotonicultura a costa nordeste é inserida junto de outros recortes dentro do Brasil como um espaço relevante para contatos e trocas comerciais. Segundo o resenhista, para o autor do livro a maior parte dos norte-americanos estariam “dormindo”, explica ele, “para as oportunidades ilimitadas dentro do nosso próprio hemisfério, dormindo para a verdadeira boa vizinhança que devíamos estar construindo desde que nos tornamos um país” (*NYT*, 20 abr. 1941, p. 01)³². A perspectiva suscitada pela resenha é que Jack Harding considera que as pessoas do seu país não estão atentas às inúmeras chances de boas trocas comerciais e as relações com os demais países do continente. Essa visão é bem conveniente para o OCIAA - criado no ano anterior - enxergar a América Latina como terra de oportunidades e a necessidade de laços mais estreitos com a mesma. No entanto, a aproximação com os países latino-americanos no plano comercial, está presente na literatura de viagem norte-americana pelo menos desde o século anterior. Essa é uma das conclusões de Ricardo Salvatore (2006, p. 78) em sua investigação das representações da América do Sul produzidas nos Estados Unidos entre 1890 e 1945. Segundo o historiador argentino, comerciantes norte-americanos desde então produziram diversos relatos que tratavam, entre outros temas, de oportunidades de negócios, um “conhecimento útil” sobre o continente. Salvatore (2006, p. 139) sublinha a interação entre empreendimento comercial e de saber em iniciativas norte-americanas para conhecer a América do Sul no recorte temporal de sua pesquisa. Nesse sentido, na resenha de *I Like Brazil* há espaço para

editora mexicana *Nortesur*. Disponível em
 <http://www.editorialnortesur.com/cronologias/Harding_Cronologia.pdf> Acesso em 25 nov. 2014.

³¹ Entre 1934 e 1941 o diário se referiu a Bertita Harding em mais de 60 matérias. Pesquisa no banco de dados do jornal disponível em
 <<http://query.nytimes.com/search/sitesearch/#/bertita+harding/from19340101to19410101/allresults/1/allauthors/oldest/>> Acesso em 25 nov. 2014.

³² "Asleep," he explains, "to the limitless opportunities right in our own hemisphere, asleep to real good neighborliness we should have been building up ever since we became a country".

o exótico – como os peixes e outros animais vistos no Rio Amazonas – mas o elemento central é uma visão do país sob a ótica de um interesse mercantil e político. A partir dela formulada uma geografia de oportunidades de negócios na qual a costa nordeste se insere graças a crescente produção de algodão.

A parte final do comentário do *Times* sobre o relato de viagem do empresário norte-americano trata da política externa norte-americana, mais especificamente das relações entre os Estados Unidos e o Brasil. O texto avalia que opinião do marido da escritora Bertita Harding sobre as relações bilaterais é que o país não é um parceiro dos norte-americanos, e sim é um amigo do qual os Estados Unidos têm que ter orgulho. Mas,

as riquezas do país pode também ser um prêmio para "gananciosos de mãos vazias". E "a temida Quinta Coluna existe", sem dúvida. Este homem de negócios americano tem a sua própria receita rápida: "Vamos parar de falar sobre uma Quinta Coluna atuando no Brasil, e amarrá-lo tão forte ao nosso próprio eixo que ele não consiga fugir mesmo que tente. (*NYT*, 20 abr. 1941, p. 01)³³

A resenha não especifica que mãos seriam essas que cobiçavam as riquezas do Brasil, mas não é preciso muita imaginação para entender o recado, elas se refere aos países que formavam a Eixo. A publicação chama atenção para as movimentações da Itália, da Alemanha e do Japão – que foi tema do correspondente do jornal no Rio de Janeiro cerca de um ano antes – em busca de parcerias econômicas com o Brasil. Na avaliação do livro de Vera Kelsey, já se havia tratado da existência de um movimento oculto de apoio ao Eixo no país que agora apontado indubitável. Na seção de livros publicada três meses antes, essa “Quinta Coluna” se restringiria na região Sul, espaço onde se concentravam a colônia alemã e a italiana. Já no comentário de *I Like Brazil*, se atesta apenas – e o efeito é maior por isso – que a ameaça existe e está em pleno funcionamento no país, não há especificações sobre onde dentro do território brasileiro ela estaria. Para que essas mãos ávidas não tomassem conta das riquezas do amigo do qual os norte-americanos deviam ter orgulho, a solução seria simples: estreitar os laços com o Brasil. A citação do texto de Jack Harding está afinada com a avaliação da agência estatal comandada por Nelson Rockefeller, é necessário que os Estados Unidos se aproximem do Brasil demais países latino-americanos.

³³ “But the country's riches may also be a prize for ‘covetous have-nots’. And ‘the dread Fifth Column exists’, undoubtedly. This American business man has his own brisk recipe: ‘Let's stop prating about Fight Columnists at work in Brazil, and tie her so closely to our own axis that she won't even be tempted to break way”.

A última linha da resenha aconselha o leitor a encarar a recém-publicada obra do empresário norte-americano essencialmente como um livro de viagens, o que – ironicamente – não poderia ser mais contrário ao que é apresentado dele. O livro *I Like Brazil* se trata de um relato das viagens de Jack e Bertita Harding pelo país pormenorizado em mais de trezentas páginas e algumas fotografias. Nele há dicas sobre comidas, passeios, pontos turísticos, informações sobre a cultura e organização social, fauna e flora dos quatro cantos do Brasil³⁴. O comentário dele na seção de livros do *NYT* intensifica a estratégia já utilizada na resenha de *Seven Keys to Brazil* meses antes, centrar-se em aspectos políticos das relações bilaterais e no que seria a ameaça do Eixo. Em tempos de guerra e mobilização da imprensa norte-americana em torno dela, a resenha do *Times* representa um Brasil de riquezas e oportunidades – como o algodão da costa nordestina – mas que está ameaçado por mãos gananciosas e inimigos ocultos no seu próprio território. Para que esta ameaça não se tornasse realidade, se fazia necessário a intervenção norte-americana, trazer para mais próximo de si o Brasil.

A partir de 1940 as referências ao Nordeste brasileiro nas páginas do *The New York Times* se tornam mais frequentes em matérias sobre temas também variados. A região não está inicialmente na cartografia da aproximação do conflito das Américas produzida pelo jornal, ao contrário do Sul do Brasil, ela está fora do mapeamento de violações da neutralidade em águas continentais. No entanto, apesar de não ser palco de eventos bélicos o Nordeste não está ausente das movimentações em torno do conflito. O recorte espacial se faz presente no tenso jogo de cartas das negociações de pactos econômicos do governo brasileiro com os países beligerantes, a proposta da instalação de um serviço de navios a vapor na região seria um trunfo na mão dos japoneses. Se a integração pelo mar era ainda um projeto, ela era realidade pelos ares no anúncio de uma empresa aérea norte-americana. A matéria sobre o tour nos voos da *Pan American Airways* lançou mão de uma cartografia de uma América unida, só que não pela linha de neutralidade no conflito mundial, e sim pelas rotas aéreas. Entre os destinos turísticos da excursão pelo continente sul-americano estava a corcunda da costa brasileira em direção a África. Uma vista da paisagem pela janela do avião contemplava a selva verde, a lama do encontro do rio com o oceano e as pequenas aldeias. Incrustado nessa natureza exótica, o Recife não é o centro de poder militar, econômico, político do Nordeste sobre o qual escrevia Frank Garcia, e sim uma

³⁴ O livro está disponível para pesquisa por palavras no acervo do *Google Books*. Disponível em <http://books.google.com.br/books/about/I_like_Brazil.html?id=VLczAQAIAAJ> Acesso em 25 nov. 2014.

cidade antiga com muitas igrejas. Nessa geografia turística do recorte espacial levantada nas páginas do caderno de viagens não havia lugar para assuntos de guerra.

A partir da atuação do *Office*, a agência federal comandada por Nelson Rockefeller, os países da América Latina passaram a ser um assunto cada vez mais recorrente nos Estados Unidos. Quem não pudesse desembolsar a alta quantia necessária para embarcar nos *strato-clippers* rumo a América do Sul, podia conhecer o Brasil por meio das resenhas na seção de livros do *The New York Times*. A avaliação de *Seven Keys to Brazil*, apresentava o país como um mosaico geográfico, entre as partes que o formavam estava o *Northeast*. Este espaço seria a primeira chave para se entender o país, era demarcado pelo império da cana-de-açúcar e seus senhores feudais como o Nordeste freyriano. Havia também o turbulento e pouco conhecido “outro Nordeste”, uma versão brasileira do incivilizado e sem lei Oeste norte-americano do século XIX. Ambos os recortes espaciais estavam distantes do perigoso Sul, a porção de terra onde se concentravam as colônias alemã e italiana – a ameaça da Quinta Coluna – e onde havia atividades da marinha do Eixo. A guerra ronda o Nordeste brasileiro, o lugar que levantaria preocupação por enquanto era o Sul. Já a avaliação do relato de viagem de Jack Harding apresenta as riquezas de um Brasil parceiro dos Estados Unidos, entre elas está o algodão produzido na costa nordeste. A resenha de *I Like Brazil* apresenta o país amigo como a terra de oportunidades e abundância para qual os norte-americanos não estão prestando a devida atenção. A Quinta Coluna existiria sem sombra de dúvidas, essa ameaça estaria agindo no Brasil sem designação de um lugar específico. Na seção de livros uma conclusão digna de página editorial: as riquezas do Brasil estariam no alvo das cobiçosas mãos de forças inimigas, cabia aos Estados Unidos apertar os laços com o país, não deixá-lo fugir mesmo que ele tentasse. Essa certamente era a mesma opinião dos burocratas da Casa Branca e do Departamento de Estado. Poucos meses depois da resenha do livro de Harding, uma extensa gama de técnicos, representantes diplomáticos e militares desembarcavam no país, uma das suas áreas centrais de atuação era a região que ficou conhecida como o “Trampolim da Vitória” dos Aliados sobre as forças do Eixo.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo/Recife: Cortez/Massangana, 2009.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward D. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Patheon Books, 2002

CRUZ, Heloisa F; PEIXOTO, Maria do R. da Cruz. “Na oficina do historiador conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, 2007.

DAVIS, Sonny B. *A brotherhood of arms: Brazil-United States military relations 1945-1977*. Niwot: University Press of Colorado, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Global, 2003.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MCCANN JR, Frank D. *The Brazilian-American Alliance: 1937–1945*. Princeton: Princeton University, 1973.

MINGUES, Altineu Pires. *Navegação: a ciência e a arte – navegação estimada, costeira e em águas restritas*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2000.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil (1939-1950): mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PIKE, Fredrick B. *The United States and Latin America: myths and stereotypes of civilization and nature*. Austin: University of Texas Press, 1993

PRADO, Maria Ligia. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. *Revista USP*, São Paulo. Dossiê 50 anos do final da Segunda Guerra, n 26, 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de um império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SANTOS, Luís Claudio Villafane. *O Brasil entre a América e a Europa: o império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SMITH JUNIOR, Clyde. *Trampolim para a vitória*. Natal: EDUFRRN, 1993.

TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZAGNI, Rodrigo Medina. *Integração e identidades em conflito: as políticas culturais dos Estados Unidos para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial e a montagem do moderno Sistema Pan-Americano (os casos de Brasil, México e Argentina)*. São Paulo: USP, 2011. (Doutorado em Integração da América Latina)